

Política
CONSTITUIÇÃO

Nossos repórteres saíram às ruas da cidade para saber o que o paulistano acha da nova Constituição. As respostas foram as mais variadas e comprovaram: há muita desinformação.

O descaso de muitos. Mas esperanças, também.

Brasília, 5 de outubro de 1988, às 15h30. Quantos brasileiros sabiam o que estava acontecendo ontem no centro do poder do País? Nossos repórteres percorreram algumas ruas de São Paulo, exatamente naquele horário, e fizeram tal pergunta a perto de uma centena de pessoas. José de Souza Moura, 41 anos, não só sabia que uma nova Constituição estava sendo promulgada como manifestava toda sua esperança. "Quem sabe desta vez a gente sai do buraco", ponderava ele, literalmente saindo de um buraco da Telesp onde estava trabalhando a tarde inteira. Moura acredita em "grandes mudanças" para o Brasil. Por isso, vai ficar atento: quer um exemplar da nova Carta "para conferir se vão mesmo cumprir o que escreveram".

A importância da data também não foi ignorada por dois carregadores de cartazes que tratavam de conferir seus relógios no horário apurado. No centro da cidade, o interesse parecia geral: em frente às bancas de jornais, os leitores de manchetes se revezavam a constatar os resumos das notícias. O fotógrafo do **Jornal da Tarde** parou para registrar um desses flagrantes e acabou surpreendido. "A Constituição está sendo promulgada hoje sobre os direitos do cidadão e você vem me fotografar sem pedir licença?" — ouviu o fotógrafo de um dos passantes. "Exijo que respeite os meus direitos", recomendou. A situação foi contornada quando a repórter explicou o motivo de seu trabalho. O cidadão parece ter entendido, tanto que iniciou um discurso. "Sabe quando tudo vai mudar?", perguntava ele, elevando o tom a ponto de provocar uma repentina aglomeração. "Vai mudar quando acabar essa imundície que as pessoas têm na cabeça", emendou. E saiu dando risada — feliz por estar exercendo seus "direitos de cidadão".

Na praça Dom José Gaspar, Oswaldo Galotti, "perto dos 90 anos", tomava café no balcão de um bar, e constatava que essa Constituição é o que de mais importante aconteceu nos últimos 30 anos da vida sócio-política brasileira. "O País vai mudar de importância e de valor. O sindicalismo vai melhorar e me empolga saber que tudo isso foi conquistado democraticamente", dizia. Galotti, contudo, acha que a nova Carta é ainda muito conservadora — "mas foi o que conquistamos. Somos um país jovem e esse é o primeiro passo. Foi um progresso imenso, porque começamos a pensar".

A escriturária Sheila passava apressada em frente ao Mappin da praça Ramos de Azevedo. Com o filho ao colo, ela parecia feliz com o que poderá acontecer. Sheila confessa não saber muito sobre a nova Carta, mas sabe que as vantagens para as gestantes aumentaram e que as crianças terão direito a creche até os seis anos. "Quero saber mais, mas pelo que já ouvi, vai mudar para melhor a vida do brasileiro".

Para a servidora pública Suely Serretti, 40 anos, a nova Carta tem um sabor especial: "Significa que estão me efetivando. Sou funcionária pública comissionada e só posso achar ótimo. Além disso, pode dizer aí que gostei muito da aposentadoria integral".

A festa de Brasília, contudo, passou ao largo dos apressados transeuntes de ontem na avenida Paulista. Das 46 pessoas abordadas na região, só 17 souberam dizer exatamente o que estava acontecendo às 15h30. Num grupo de dez trabalhadores que furavam a calçada da esquina da rua Pamplona, nenhum arriscou qualquer palpite. Mas a desinformação foi constatada também entre duas belas jornalistas desempregadas que circulavam pela avenida Paulista. Informadas sobre a promulgação, elas conseguiram encontrar uma justificativa para tal desligamento: falta de tempo para acompanhar os noticiários e descrença nas instituições, além de desinteresse por assuntos políticos.

Os gerentes de banco Nilton e Rogles estavam entre os 17 que sabiam da promulgação. E demonstravam esperança. "A mentalidade está mudando e, com o fortalecimento do Congresso, pode mudar muita coisa", diziam. O dentista Glener também acredita num futuro mais promissor. Mas aponta algumas falhas no texto — como a licença-maternidade de quatro meses. De fato, essa vantagem foi contestada até pelas mulheres. "Isso chega a ser até mais discriminatório num mercado de trabalho em que a mulher já leva desvantagem quando tem que disputar uma vaga com um homem", atestou a vendedora Sônia, durante o intervalo para o lanche, quando descansava na mureta em frente ao Trianon.

Entre os mais informados, contudo, os novos direitos e deveres do cidadão e do Estado estavam longe de um entendimento mais profundo. Grande parte dos entrevistados alegavam que a linguagem é "muito complexa", distante de um entendimento geral. A divulgação de folhetos que explicassem de forma bem popular tudo o que foi determinado pela nova Carta é uma sugestão apresentada por vários populares.

Hory Botto Faria, 78 anos, dispensa tudo isso. Ele acompanhou todo o processo de discussões na Constituinte e conhece detalhes das votações. Cauteloso, porém, ele prefere ver na prática os benefícios e as implicações da nova Constituição antes de formar qualquer opinião. "Tudo vai depender muito dos decretos e das leis complementares que vão regulamentar o que já foi escrito", esclareceu.



Moura, no buraco da Telesp: "Quem sabe desta vez a gente sai do buraco".



Galotti: "Começamos a pensar".



Sheila: "Vai mudar para melhor".



Conferindo o horário: 15h30.

Por que o brasileiro está tão descrente?

A descrença do brasileiro em seu País, constatada numa ampla pesquisa publicada ontem pelo **Jornal da Tarde**, está intimamente relacionada à falta de confiança no governo. As informações que classificam o Brasil como um "navio sem timoneiro", ou "um trator sem tratorista" ou ainda uma "bomba prestes a explodir" e que resumem a opinião de 83 por cento dos entrevistados são indicativas do grau de pessimismo da população.

A pesquisa apresentou outros resultados que deixaram clara a imagem que o Brasil faz do Brasil. Alguns exemplos: 76 por cento dos entrevistados acreditam na família e também em torno de 70 por cento na Ciência, Tecnologia e nas Artes. Mas apenas sete por cento acreditam no Governo. Os políticos só cuidam de seus interesses para 59 por cento dos entrevistados e o Brasil para mudar precisaria de mais honestidade, magia, esforço e trocar de governo, pela ordem. E a grande maioria do povo, nessa situação, se considera ou vítima ou um carneiro passivo.

São resultados, na opinião do cientista político Bolívar Lamounier, que refletem a insegurança dos brasileiros e a debilidade das instituições. "Atrás das respostas dos



Bolívar Lamounier



Abram Szajman

entrevistados se percebe uma exigência de estabilidade, de confiança nas regras. Passamos 20 anos sentindo a todo momento as mudanças bruscas de rumo do governo, as medidas arbitrárias, os decretos-leis. Esse quadro, aliado a uma situação econômica de crise, faz com que as pessoas se sintam manipuladas e inseguras. Quando se pede mais honestidade, está se falando em confiabilidade nas instituições", diagnostica Bolívar. Em sua opinião, a longo prazo a imagem do País só mudará se houver crescimento econômico somado com credibilidade institucional.

O vice-presidente da Fiesp, Carlos Eduardo Fagundes, acredita que a pesquisa deixa visível que o governo está tão desgas-

tado que qualquer solução teria que começar pela troca dos nossos dirigentes. "A falta de credibilidade nas instituições é perceptível não apenas em sondagens de opinião pública como no dia-a-dia das conversas que mantemos com qualquer pessoa", comenta. O tempo de demora para a conclusão da nova Constituição, o fracasso dos planos Cruzado e Bresser, as dificuldades de renegociação da dívida externa e a alta inflação contribuíram muito para deixar a população cética, segundo ele. O caminho agora é a eleição presidencial, mas também maior participação das pessoas que pela "cultura brasileira tendem a não se organizar e a se sentirem vítimas", conclui.

O presidente da Federação do Comércio Abram Szajman considera "muito importante o brasileiro deixar de se sentir um carneiro que concorda com tudo que é imposto pelo governo, sentindo-se uma vítima". Para ele o povo não está acostumado com a democracia, a lutar por seus direitos, a cobrar dos políticos seu voto. Szajman admite que a situação é difícil, "mas não de desgraça". Sua conclusão: "Se não batarmos nem Deus faz milagres".

Vera Cecília Dantas

Culpados? Sim. Mas há as exceções.

O pessimismo dos brasileiros em relação ao País, a descrença nas agremiações partidárias e, consequentemente, nos próprios políticos não surpreende os vereadores que disputam a reeleição em São Paulo. Eles admitem que a população considera os políticos "todos iguais, demagogos e corruptos", mas procuram diferenciar o comportamento dos que são bons dos que são maus políticos — e é claro que se incluem no primeiro grupo. A única exceção é o vereador Antônio Carlos Fernandes, do PTB, que já proclamou publicamente que todo político é corrupto, incluindo ele próprio. "Talvez 95% da população me veja como um demagogo. Mas quem me conhece melhor entende a minha proposta", diz, deixando transparecer o pouco alcance de suas intenções.

Por que o brasileiro está tão pessimista? Para o vereador Avanir Duran Galhardo, do PMDB, a culpa é do regime militar, que passou 21 anos acusando a classe política pelos males do País. "Para permanecer no poder, os militares trataram



Fernandes



Feldman

res levam a população ao ceticismo e ao descrédito nas instituições políticas, na opinião de Feldmann. Ele disse ainda estar cansado de ouvir que "nenhum político presta, e que essa atitude é perigosa porque pode levar as pessoas a irem atrás de um líder messiânico ou de um ditador, procurando uma solução "mágica" para os problemas que enfrentam. "É preciso não esquecer que as ditaduras se justificam, habitualmente, pregando o combate à corrupção", diz.

O vereador Brasil Vita, 28 anos de atuação na Câmara Municipal, concorda que o povo se sente "muito enganado pelos políticos". Mas ressalva imediatamente que ele próprio é uma exceção: "Nunca enganei ninguém". A culpa de o povo estar tão descrente, segundo ele, é porque escolhe maus políticos e se arrepende. "A chave da mudança é dar mais educação para a maioria que é desinformada e despolitizada", prega Vita, para quem as eleições presidenciais não serão o fator decisivo. "Quem é que vai mudar? Quem irá julgar os corruptos?" O fim da corrupção, garante Antônio Carlos Fernandes, um entendido no assunto, é mudar as estruturas da sociedade que estão "anacrônicas". "Precisamos de uma nova estrutura de comunidade", conclui.

V.C.D.

DESTAQUE
POLÍTICO
"Temos nojo da ditadura"
(Ulysses Guimarães, promulgando a Constituição.)

Mudança de planos
A nova Constituição mudou a vida das autoridades do Palácio do Planalto nos mais diversos níveis. Além de correr para assinar decretos e decretos-leis que precisavam estar prontos antes da promulgação da Carta, o presidente Sarney teve que mudar a programação que imaginou para receber, neste final de semana, o presidente venezuelano, Jaime Lusinchi. Ao invés de levar o colega para a Ilha de Fernando de Noronha, agora pertencente ao Estado de Pernambuco, Sarney deverá oferecer a paisagem de Porto Trombetas, no Pará.

Carta à população
O Sindicato dos Médicos de Minas Gerais divulgou ontem uma carta aberta à população, acusando o governador Newton Cardoso de estar "destruindo o serviço público do Estado". A carta diz que as áreas mais atingidas são as da educação e saúde, com o afastamento de técnicos "reconhecidamente competentes e dedicados", deixando os sistemas virtualmente "falidos". Outra denúncia da carta diz respeito a uma negociação do governo, que passou o imóvel do Instituto Raul Soares, praticamente desativado, para a iniciativa privada.

Eleições em Tocantins
Os partidos políticos têm até o final desta semana para realizarem convenções para a escolha dos candidatos que vão concorrer às eleições para o governo do novo Estado do Tocantins. O Tocantins passou a existir desde ontem, de acordo com o artigo 13 da Constituição. O presidente do Tribunal Superior Eleitoral, ministro Oscar Dias Correa, convocou ontem uma reunião com os partidos para comunicar a decisão do TSE de realizar a eleição para a escolha do governador, juntamente com as eleições municipais de 15 de novembro.

Antecipação
Adiantando-se ao deputado estadual Lucas Buzatto (PT), que já pediu sua convocação, o diretor de Habitação Popular e Urbanização da Caixa Econômica do Estado de São Paulo, Miguel Tebar, prontificou-se ontem, por escrito, a depor perante a Comissão Permanente de Fiscalização e Controle da Assembléia Legislativa. Com isso, a Comissão nem precisou votar o requerimento que seria apresentado por Buzatto.

Correção
Ao contrário do que foi noticiado no último dia 29 de setembro, a rádio **Jovem Pan** não divulgou a suposta "morte" do deputado Ulysses Guimarães. Segundo o diretor do Departamento de Jornalismo da rádio, Fernando Vieira de Mello, "esse tipo de informação, na Pan, só vai ao ar depois de termos o atestado de óbito".

Apesar da falência
A Prefeitura do Rio, apesar da crise financeira, concedeu ontem um reajuste de 15% para todos os seus funcionários, exceto os secretários municipais, que tiveram seus salários congelados. Além do reajuste de 15%, o prefeito Saturnino Braga anunciou também a concessão de um abono de Cz\$ 15 mil para os servidores, que estão em greve há duas semanas, pelo atraso de seus pagamentos e pela não concessão de um reajuste de 150% que vinham solicitando. Saturnino garantiu que os salários com o reajuste e o abono serão pagos a partir do dia 31 deste mês.

Fora da campanha
A mulher do ex-governador Leonel Brizola, dona Neuzza, foi submetida ontem, em Nova Iorque, a uma cirurgia para extração de um tumor maligno no seio. Neuzza Brizola está acompanhada pelo marido e, conforme os médicos que a atenderam, seu estado de saúde é bom. A data da volta do casal vai depender ainda de novos exames clínicos.

HOJE NATEVÉ
A Constituição é o tema
Bom Dia São Paulo (TV Globo, Canal 5, 7h30) — O advogado tributarista, Plínio Marafon, falará sobre imposto de renda rural e Constituição.
Vamos Sair da Crise (TV Gazeta, Canal 11, 22h30) — Raul Kalfat, presidente da Indústria de Papel Simão; Henrico Nazzari, presidente da Olivetti do Brasil; e Joseph M. Couri, diretor da Ciesp-Zona Sul, falarão sobre a nova Constituição sob o ponto de vista do empresário.
Programa Ferreira Neto (TV Record, Canal 7, 23h30) — Omar Fontana, fundador da Transbrasil; Affonso Celso Pastore, ex-presidente do Banco Central; e Jair Carvalho Monteiro, secretário de Planejamento do Município de São Paulo, discutirão a nova Constituição e a sua aplicação.